

Teoria social e pós-modernismo: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos

João Emanuel Evangelista – UFRN

RESUMO

As sociedades capitalistas passaram por uma grande transformação sistêmica nas últimas décadas que afetaram sua economia, sua política e sua cultura, redefinindo os processos sociais que configuram a vida cotidiana. A reestruturação produtiva e os novos padrões flexíveis de acumulação foram mimetizados em suas formas superestruturais no neoliberalismo e no pós-modernismo. A teoria social tornou-se um campo de investigações inovadoras em busca de explicações para uma variada gama de fenômenos sociais resultantes dessas transformações societárias. Na contracorrente das formas intelectuais hegemônicas, o marxismo experimentou uma surpreendente renovação teórica, recuperando seu lugar proeminente na crítica social ao discutir essas transformações do sistema capitalista contemporâneo.

Palavras-chave: Teoria social. Capitalismo contemporâneo. Pós-modernismo. Marxismo.

ABSTRACT

Capitalist societies have undergone deep and systemic changes in the last decades. These changes have affected their economies, politics and culture, re-defining the social processes which embody the daily life. The productive restructuring and the new flexible accumulation patterns have been replicated in their super-structural forms in liberalism and post-modernism. Social theory turned out to be a field for innovative researches which try to explain a number of social phenomena resulting of these societal changes. In opposition to these hegemonic intellectual forms, marxism underwent an outstanding theoretical renewal, recovering its prominent place in social criticism as it discusses these changes inside the contemporary capitalist system.

Keywords: Social theory. Contemporary capitalism. Post-modernism. Marxism.

AS MUDANÇAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Nas últimas décadas, muito se tem debatido sobre as mudanças sofridas pelas sociedades capitalistas modernas no mundo ocidental. A partir dos anos 1960, foram-se acumulando evidências de alterações significativas na sociabilidade dos indivíduos que viviam, sobretudo, nos grandes centros urbanos das sociedades capitalistas desenvolvidas. Em grande medida, tais fenômenos eram os efeitos mais imediatos da onda longa expansiva que o capitalismo vivera depois da Segunda Guerra Mundial. Nos anos 1950, depois da reconstrução do mundo ocidental com plano Marshall, as populações dos países capitalistas industrializados (EUA, Europa e Japão) experimentaram um crescimento extraordinário no seu padrão de vida cotidiana. O processo de urbanização acelerado trouxe a difusão de novos hábitos de consumo e novos valores socioculturais foram adotados e difundidos socialmente. Esse foi o cenário que fez surgir os movimentos de contestação social às formas de poder vigentes e aos valores morais há muito estabelecidos, representados por movimentos como a contracultura e o feminismo ou as lutas contra a discriminação racial e contra as guerras imperialistas. A culminação desses movimentos e lutas progressistas deu-se no final dos anos 1960, cujo ápice está representado simbolicamente, sobretudo, pelos acontecimentos de maio de 1968 na França.

A crise geral do capitalismo em meados da década de 1970 encerrou a onda longa expansiva iniciada no pós-guerra. Os anos 1970 vivenciaram, ao mesmo tempo, o refluxo dos movimentos sociais contestatórios e a ofensiva do capital para criar me-

canismos que propiciassem novas possibilidades de valorização e reprodução ampliadas para o capital. Dois fatos foram da maior significação para a configuração do capitalismo mundial nos anos seguintes. De um lado, empresas japonesas introduziram inovações na organização do processo de trabalho fabril, com a flexibilização do modelo taylorista-for-dista e a adoção daquilo que se tornou conhecido como toyotismo, substituindo as formas despóticas e rigidamente hierarquizadas adotadas na produção industrial. Por outro lado, um conjunto de inovações tecnológicas, tendo à frente as novas tecnologias informacionais que possibilitaram a incorporação de comandos digitais nos sistemas de máquinas industriais. Essas novas tecnologias permitiram também uma verdadeira revolução nos processos comunicacionais, com a constituição de redes de satélites conectadas mundialmente, que tornaram possível a comunicação em tempo real em qualquer parte do nosso planeta. A conjunção dessas transformações tecnológicas ao processo produtivo garantiu as condições técnicas para a retomada, em novas bases, do movimento da acumulação capitalista em âmbito mundial.

No plano político e ideológico, vieram somar-se novos ingredientes à ofensiva do capital. A eclosão da crise geral do capitalismo nos anos 1970 apresentava as características clássicas das crises de superprodução do sistema capitalista. A retração das atividades econômicas, as dificuldades financeiras de muitas empresas, o desemprego dos trabalhadores, o ressurgimento do fenômeno inflacionário, dentre outros aspectos, levaram a uma profunda crise fiscal do Estado de Bem-Estar Social vigente nos países capitalistas desenvolvidos (ANDERSON, 1995). A experiência de conjugar a ampliação da democracia e dos direitos sociais com crescimento econômico continuado nas sociedades capitalistas, através do Estado de Bem-Estar Social, passou a ser o alvo preferencial da crítica dos ideólogos mais conservadores do capital como algo a ser definitivamente banido como alternativa política e econômica.

A isso se acrescentou, nos anos 1980, a crise do chamado socialismo real, comandado pela antiga União Soviética, que não mais conseguia garantir o abastecimento de alimentos e bens de consumo às suas populações. Numa tentativa derradeira, buscou-se a reforma política e econômica do socialismo soviético. A restauração das liberdades políticas, ao contrário de levar à reestruturação produtiva do sistema soviético, conduziu à contestação radical do sistema político pelas massas populares, lideradas por forças políticas interessadas na implementação de uma economia de mercado capitalista.

Assim, estavam criadas as condições propícias para que os ideólogos conservadores pudessem demonstrar a inviabilidade prática da intervenção estatal na economia. A crise do Estado de Bem-Estar Social no Ocidente e a crise do socialismo real comprovavam, ao mesmo tempo, a inadequação e os efeitos perniciosos que a intervenção do Estado poderia provocar na organização do sistema de produção e satisfação de necessidades humanas. Os fatos pareciam revelar o fracasso das experiências de regulação estatal numa economia capitalista de mercado e das tentativas de construção do socialismo como alternativa societária superior. Estavam criadas as condições para a hegemonia do **pensamento único** através da sacralização do mercado a ser imposta na esteira do processo de mundialização capitalista. A ofensiva ideológica contra toda e qualquer ingerência do Estado nas relações entre capital e trabalho no processo de produção de mercadorias visava a implementação de um suposto Estado mínimo. Em sua essência, pretendia-se um Estado mínimo para os trabalhadores e um Estado máximo para o capital (PAULO NETTO, 1993).

Esse conjunto de transformações ocorridas nas últimas décadas passou a ser conhecido pelos termos **globalização e neoliberalismo**. Na verdade, esses fenômenos constituem os aspectos mais visíveis de uma transformação sistêmica na estruturação do capitalismo contemporâneo, que configuram o surgimento de um novo bloco histórico (GRAMSCI, 2000). A partir dos anos 1980, a vocação histórica

do sistema de produção de mercadorias expandir a sua lógica em escala mundial tornou-se, pela primeira vez na história moderna, uma realidade concreta. Sob a ação política dos organismos financeiros internacionais, foram criadas novas áreas e fronteiras para o processo de valorização do capital, através da flexibilização dos direitos sociais, da mercadificação dos serviços públicos, da privatização de empresas estatais e da abertura dos mercados nacionais dos países periféricos à movimentação de capitais e serviços provenientes dos países capitalistas centrais.

As mudanças não ficaram circunscritas às esferas política e socioeconômica. Poucas vezes em sua história, as sociedades modernas sofreram transformações tão rápidas e profundas. Em situações de normalidade histórica, geralmente os vetores da permanência sobrepõem-se aos vetores da mudança ou há um relativo equilíbrio entre ambos. As transformações em curso levaram a um brusco desequilíbrio em favor dos aspectos pertinentes à inovação sociocultural. Não vivemos, todavia, um cenário de revolução social. Muito pelo contrário. As mudanças que se processaram em lógica quase metastática, atingindo todas as dimensões da vida social, ocorreram dentro de um ambiente político e ideológico profundamente conservador. Com o fim da experiência do socialismo real, pareceu a muitos que não restaria alternativa ao capitalismo vitorioso. Não haveria escapatória às idéias ultraliberais hegemônicas e à economia de mercado capitalista.

Aos quatro cantos, acumulavam-se também os indicadores de mudanças na política e na cultura. Ao longo da modernidade, as sociedades humanas foram organizadas em termos dos limites territoriais do Estado nacional. Agora, essas estruturas sociais foram adquirindo uma nova morfologia social, sendo recobertas por uma inusitada forma de rede mundial, esboroando as antigas clivagens políticas e culturais¹. O mundo assumiu, aos poucos, o formato de um sistema descentrado, através do qual circu-

lavam em caráter permanente fluxos de informação e de capital, instaurando-se uma nova percepção da relação espaço-tempo. Na modernidade, até então, o tempo subordinara o espaço. A contemporaneidade, contudo, impôs a inversão dessas relações com a supremacia da espacialidade sobre a temporalidade. Tais mutações nas relações espaço-tempo levaram a drásticas alterações nas formas do homem contemporâneo representar o mundo, a si mesmo e a sua inserção sócio-histórica. Ao lado disso, a cultura sofreu um processo de ampliação da sua ambiência, objetivando-se de fato como uma segunda natureza: a tudo recobre e deixa a sua marca.

A mundialização do capitalismo fez-se acompanhar por forças antinômicas de largo espectro, que se manifestam, simultaneamente, como tendências centrífugas e centrípetas em processos de homogeneização e heterogeneização, de padronização e segmentação, de globalismo e localismo, de desterritorialização e reterritorialização etc. A cultura mundial apresenta-se como um grande e irrepresentável caleidoscópio (ORTIZ, 1996), ao mesmo tempo, fascinante e aterrorizante. Se por um lado é evidente a imposição do estilo de vida e da cultura americana aos povos de todos os recantos mundiais, isso não significa a supressão das manifestações culturais locais. É verdade que cada vez mais pessoas ouvem, vêem, vestem, falam, usam e comem as mesmas coisas em qualquer parte do mundo. Seria ingenuidade não reconhecer os efeitos perversos da massificação e padronização ideológica e cultural. No entanto, em sentido dialético, vemos a multiplicação de novas formas de resistência cultural que enfatizam o local, o próximo, o tradicional, o eterno. São muitas também as demonstrações da capacidade de ressignificação dos povos de diferentes matrizes étnico-culturais. Algumas modalidades culturais dominantes nos centros capitalistas adquirem um sentido disruptivo e transgressor na periferia do capitalismo. Abundam formas inusitadas de hibridização cultural (CANCLINI, 1998). Essa nova heterogeneidade cultural, como é óbvio, processa-se sob os influxos dos mecanismos tradicionais do

1 Jameson (1996) e Castells (1999) apresentam enfoques diferenciados na análise e nas implicações políticas da estrutura da sociedade contemporânea como uma rede mundial descentrada.

poder político e da dominação de classe, vigentes historicamente nas sociedades burguesas modernas, que assumem novas e complexas mediações.

O NOVO PARADIGMA PÓS-MODERNO

Essas transformações incidiram diretamente sobre as formas através das quais os homens sentiam e representavam para si mesmos o mundo existente. Há uma sensação cada vez mais disseminada de irrealidade, de vazio e de confusão. A razão humana é desafiada pelo avanço de processos “imateriais” e pela constituição de novas esferas de existência virtuais, que se sobrepõem à realidade objetiva. A velocidade dos fluxos de imagens e informações e o processo de desterritorialização que lhes acompanham abalam os mecanismos cognitivos, axiológicos e estéticos desenvolvidos pela modernidade no Ocidente. Houve uma alteração brusca nas relações espaço-temporais que sustentam as formas de representação estética e apreensão lógica da realidade (HARVEY, 1992). Tudo parece sofrer a influência da efemeridade, da fragmentação, da indeterminação, da descontinuidade, do ecletismo e da heterogeneidade.

O pós-modernismo é a expressão mais típica dessa sensibilidade emergente e afirma-se como um novo padrão cultural dominante nas sociedades do capitalismo tardio. Seu florescer exige a existência de uma indústria cultural desenvolvida, tendo à frente os meios eletrônicos audiovisuais, responsáveis pela **mediatização** da cultura (THOMPSON, 1995). Tem como sua base societária um significativo contingente de novos intermediários culturais, dotados de formação cultural e / ou profissional universitária, que estejam inseridos no circuito da produção e consumo de bens culturais – como a mídia, a publicidade, a moda, o *design*, e profissões de aconselhamento, terapêuticas e educacionais (FEATHERSTONE, 1994). Depende também da difusão de novas tecnologias de comunicação e novas formas de produção cultural baseadas na simulação de imagens e na telemática, que erodem o sentido de orientação e localização e modificam a capacidade de representação e discernimento dos indivíduos.

Por fim, o pós-modernismo requer, como componente político fundamental, um sentimento de desalento, de impotência e de apatia coletivos, frutos em geral de uma derrota estratégica das forças políticas e ideológicas empenhadas em transformações sociais radicais.

O pós-modernismo pode se manifestar como cultura pós-moderna e/ou como pensamento pós-moderno. A cultura pós-moderna surge como uma reação crítica ao alto modernismo que, depois da II Guerra Mundial, tornara-se o cânone cultural e passara a representar o *establishment* em termos de arte, literatura e arquitetura nas sociedades ocidentais. Na efervescência dos anos 1960, a contracultura criou o ambiente para a recusa dos valores da racionalidade técnico-burocrática e científica então hegemônica que inspiravam a crença no progresso histórico linear, em verdades absolutas e nas potencialidades do planejamento racional dos processos sociais e da produção material. No primeiro momento, em meados da década de 70, o pós-modernismo surgiu como uma contestação à monotonia estilística predominante no *International Style* da arquitetura moderna.

A multiplicação de novas práticas culturais será, *a posteriori*, objeto de uma reflexão filosófica pouco sistemática que terá no ensaísmo o seu formato privilegiado. O questionamento do autoritarismo das estruturas hierárquicas e dos valores da cultura tradicional ensejou uma nova política de esquerda, dirigida para a crítica das relações de dominação que infestavam a vida cotidiana. A revolta artística, política e cultural voltou-se contra o modernismo estético e as formas dominantes do pensamento moderno. A contracultura e a contestação dos movimentos sociais do final dos anos 1960 foram os precursores políticos e culturais do pós-modernismo (HARVEY, 1992).

Um impulso iconoclasta, talvez um último resquício vanguardista, anima o pensamento pós-moderno. Recusa as denominadas **metanarrativas** do pensamento moderno, que se afirmavam como modelos explicativos totalizantes de aplicação e va-

lidade universais. Insurge-se contra o que chamam os valores absolutos e os fundamentos metafísicos da modernidade. Relativiza a razão moderna em suas promessas emancipatórias e desconstrói as suas antinomias, relevando-lhe suas limitações e cegueiras positivistas, deterministas e etnocêntricas. A ciência é tida como uma simples narrativa entre outras tantas igualmente legítimas, num cenário em que predomina a agonística dos jogos de linguagem. Põe à prova categorias, até então universalmente aceitas, que são distintivas do pensamento moderno e dariam suporte às pretensões cognitivas de uma razão onipotente. Subverte as certezas que embalam a ciência moderna e afirma o relativismo como valor cultural e epistemologia. A busca de causas explicativas é substituída pela descrição tópica feita através de relatos de fenômenos particulares. A intuição ganha primazia sobre a racionalidade, atribuindo-se à arte o estatuto de paradigma de representação do real. Difunde suspeitas sobre a existência de identidades fixas e de sujeitos monádicos, portadores de alguma vocação redentora previamente definida (LYOTARD, 1993; EVANGELISTA, 2001b).

O pós-modernismo busca legitimar-se através da rejeição das formas intelectuais modernas, em que algumas categorias – tais como sujeito, razão, ciência, verdade, história, etc. – ocupam uma posição axial. O impulso contestador pós-moderno põe na berlinda a razão e a ciência modernas, em suas pretensões de produzir um conhecimento verdadeiro sobre a realidade que poderia ser apropriado pelo homem, como sujeito individual e/ou coletivo, e dirigido contra todas as modalidades de exploração, dominação e tutela que impedem a sua emancipação, abrindo a possibilidade de objetivação de uma organização social racional na história. A **desconstrução** do pensamento moderno revela que tais categorias não passariam de construtos sociais. A ciência constituiria apenas uma **narrativa**, entre tantas outras existentes e igualmente legítimas, que está subordinada a uma lógica de dominação ocidental, elidindo modos e práticas socioculturais que lhes são concor-

rentes e implicariam alteridade em termos políticos, étnicos e sexuais (EVANGELISTA, 2001b).

A REVIVESCÊNCIA DA CRÍTICA MARXISTA²

Apesar da algaravia em torno do pós-moderno, é possível detectar algo em comum aos seus maiores expoentes na literatura, na arquitetura e na filosofia. A recusa genérica da metanarrativas esconde o real adversário dos pensadores pós-modernos. O alvo da crítica pós-moderna é, em última análise, o marxismo e a esquerda socialista (ANDERSON, 1999). Por exemplo, Ihab Hassan insurge-se contra a “raiva ideológica” e a “prepotência dos dogmáticos” dos críticos marxistas em sua submissão ao “jugo de ferro da ideologia”, ao “determinismo social” e ao preconceito e desconfiança em relação ao “prazer estético”. Advoga, ainda, que termos como esquerda e direita, base e superestrutura, produção e reprodução, materialismo e idealismo, perderam qualquer significação e são “quase inúteis”. Por sua vez, Robert Venturi e Charles Jencks irão recusar o caráter progressista, revolucionário, utópico e purista da “arquitetura ortodoxa moderna”, em seu questionamento das condições vigentes na sociedade capitalista. De modo mais direto, Jencks festeja o pós-moderno em sua tolerância pluralística e abundante num contexto sócio-histórico em que perdera sentido polaridades como “esquerda e direita”, “capitalista e classe operária”, pois não mais havia “inimigo a derrotar”.

Essas tendências ganharão nitidez paradigmática em Lyotard (1993). A sua trajetória política e intelectual é marcada por um anticomunismo persistente. Lyotard está convencido que o pós-moderno é a expressão cultural do surgimento da sociedade pós-industrial, na qual o conhecimento tornou-se a principal força produtiva. O proletariado integrou-se ao capitalismo e perdeu a condição de agente revolucionário. A economia política deveria dar lugar à economia libidinal, que explicaria porque a própria

² As idéias aqui apresentadas são uma síntese da análise desenvolvida em Evangelista (2000).

exploração era desejada e sofrida com gozo erótico pelos operários industriais. Não é possível superar o capitalismo, resultado de um processo de seleção natural de comutação de formas de energia, que antecede a própria vida humana. Diante das denúncias sobre o Gulag, ficaria evidente que o socialismo é idêntico ao capitalismo. Revela-se a verdadeira “metanarrativa” que cabe recusar: o marxismo e o socialismo clássico (ANDERSON, 1999).

O campo pós-moderno demonstra, assim, uma inusitada coerência ideológica: “Não podia haver nada mais que o capitalismo. O pós-moderno foi uma sentença contra as ilusões alternativas” (ANDERSON, 1999, p. 54). Oblitera-se que o triunfo neoliberal nos anos 1980, longe de destruir as “grandes narrativas”, significou que “pela primeira vez na história o mundo caía sob o domínio da mais grandiosa de todas” (ANDERSON, 1999, p. 39) – a grande narrativa do **pensamento único** e da vitória global do **mercado**.

Como objeto implícito das críticas pós-modernas, o marxismo abandonou a posição inicial de saco de pancadas teóricas e ideológicas e retomou a sua tradição crítica. Em chave interpretativa radicalmente diversa, o marxismo revelou-se um instrumental heurístico altamente percuciente das transformações societárias contemporâneas. Surpreendendo aos obituaristas ideológicos de plantão, o marxismo mostrou que ainda é capaz de propiciar, a despeito das inelutáveis tendências fragmentadoras do capitalismo tardio, uma análise teórica abrangente das mudanças socioculturais que dominaram o cenário mundial nas duas últimas décadas, ao mesmo tempo em que municia as armas da crítica política e cultural da ordem capitalista triunfante. Tal é o que se pode depreender da produção teórica de intelectuais marxistas³ como o crítico norte-americano Jameson (1996), cuja intervenção no debate internacional

passou a ser uma referência obrigatória na abordagem do pós-modernismo. Favorecido pelo distanciamento temporal, Harvey (1992) coligiu a análise mais sistemática das mutações em curso nas sociedades capitalistas desenvolvidas, articulando os novos arranjos socioculturais às transformações tecnológicas que sustentam um novo padrão de acumulação na história do capitalismo. E, por fim, as análises do crítico inglês Eagleton (1998) sobre as ambigüidades do pós-modernismo são de grande valia na apreensão desse fenômeno – ao mesmo tempo, transgressor em termos culturais e conservador em termos econômicos – em todas as suas complexas dimensões. De alvo preferencial das críticas teóricas do pós-modernismo, o marxismo demonstrou vitalidade intelectual suficiente para virar a mesa. Assumiu o pós-modernismo como objeto da sua reflexão crítica, tomando-o como o ponto arquimediano para pensar a contemporaneidade capitalista.

Em instigante abordagem teórica que supera certos limites da análise frankfurtiana da indústria cultural, mesmo tendo-a como premissa, Jameson (1996) destaca-se intelectualmente no cenário contemporâneo por considerar o pós-modernismo como a **lógica cultural do capitalismo avançado ou tardio**. A produção cultural foi assimilada pela produção de mercadorias em geral, na qual a inovação e a experimentação estéticas passaram a ter uma função estrutural essencial diante da necessidade frenética de produzir uma infinidade de novos bens com uma aparência cada vez mais nova. A cultura, mais do que nunca, passou a ser uma esfera central do processo de reprodução social, invadindo e recobrando todos os espaços da sociabilidade. Na condição pós-moderna, houve a transformação da cultura em economia e da economia em cultura. As antigas fronteiras existentes entre a produção econômica e a vida cultural desapareceram (EVANGELISTA, 2001a).

A expansão do capital não somente “atingiu” a dimensão cultural, mas as imagens, as representações e as formas culturais se tornaram uma área de atuação fundamental do mercado capitalista. Os

3 Cabe registrar a contribuição de outros autores para a crítica do pós-modernismo, em particular ver os lúcidos argumentos de Callinicos (1995) quanto à avaliação hiperbólica dos traços definidores da contemporaneidade e ao contexto de decadência ideológica experimentados pelos próceres da contracultura e dos movimentos de contestação do final dos anos 1960.

componentes da esfera cultural foram convertidos plenamente em mercadorias. Com a expansão das novas tecnologias informacionais, a produção e a circulação de informação passaram a ser uma das mercadorias mais importantes no capitalismo tardio ou multinacional. Assim, os conflitos e as contradições, antes relacionados principalmente à produção material, espalham-se e invadem também a produção cultural. E tudo isso se faz acompanhar de uma profunda mudança nos hábitos e atitudes de consumo e nas relações intersubjetivas que ocorrem no mundo cotidiano (JAMESON, 1996; EVANGELISTA, 2001a).

Jameson (1996) define alguns traços constitutivos que são peculiares à cultura pós-moderna. O pós-modernismo inaugura uma **nova superficialidade**, na qual o mundo objetivo é convertido em um conjunto de textos e simulacros e as coisas são reduzidas à imagem de suas superfícies externas. Há, também, um **enfraquecimento da historicidade**, em que o passado é tomado como uma vasta coleção de imagens aleatórias, que são combinadas de múltiplas formas a partir do presente. Essa presentificação do passado e do futuro funda um discurso “esquizofrênico” sobre a história. Assim, não por acaso, no pós-modernismo, as categorias espaciais substituem as categorias temporais, cuja dominância são uma das maiores características do modernismo. Surge, também, uma **nova experiência do espaço**, em que a configuração de um **hiperespaço**, com a constituição de redes mundiais de comunicação, possibilitadas pela descoberta e difusão das novas tecnologias informacionais, transcende a anterior capacidade de localização pelo indivíduo e tornam evidentes as dificuldades de representação do real pelas atuais categorias mentais. Isso terá como rebatimento estético, o desaparecimento do sujeito como produtor artístico-cultural autêntico e original e o fim da busca por um estilo pessoal. Emerge, enfim, uma **nova sensibilidade**, marcada pela intensidade emocional, que celebra o advento do *pastiche* – colagem de estilos passados – como nova solução estética descompromissada com qualquer

perspectiva de crítica radical e de transformação da ordem societária (JAMESON, 1996; EVANGELISTA, 2001a).

Por sua vez, Harvey (1992) encara as mudanças culturais contemporâneas como o resultado de um complexo processo de transformações na estruturação das sociedades capitalistas. As crises cíclicas do modo de produção capitalista desencadeiam revoluções científico-tecnológicas que ensejam modificações fundamentais no sistema produtivo e permitem a retomada em novas bases da acumulação de capital. A incorporação dessas inovações tecnológicas ao sistema de produção de mercadorias acarreta uma redução do tempo de rotação do capital e a necessidade de expansão geográfica da lógica capitalista. Disso resulta a compressão na relação espaço-tempo, proveniente da simultânea aceleração do tempo e redução do espaço nas novas condições criadas pela reestruturação sistêmica do capitalismo. Surgem, então, novas formas de sensibilidade e de representação do mundo que incidem diretamente sobre a cultura e as múltiplas formas de consciência social, com o esgotamento de cânones até então estabelecidos e a transição para novas modalidades de racionalidade e novos padrões artístico-culturais e ideológicos. Essas são as matrizes a partir das quais pode ser pensada criticamente a modernidade e a atual condição pós-moderna.

As ambigüidades características do pós-modernismo derivam, em larga medida, da semelhança com que reproduz o movimento social da forma mercadoria. A lógica mercantil é “transgressiva, promíscua, polimorfa” em sua “paixão niveladora” pela troca entre mercadorias. A forma mercadoria “continuamente nivela e iguala identidades para poder permutá-las de novos fantasticamente novos”. A forma mercadoria tende a destruir as identidades distintivas, pois “transforma a realidade social numa selva de espelhos, cada objeto contemplando especularmente no outro a essência abstrata de si mesmo”. Com indiferença olímpica, são esmaecidas as divisões de classe, sexo, raça, alto e baixo, passado e presente. A mercadoria “aparece como uma força

anárquica e iconoclasta, que zomba das classificações obsessivas da cultura tradicional, mesmo que [...] dependa delas para assegurar condições estáveis para suas próprias operações” (EAGLETON, 1993, p. 270).

Para Eagleton, um dos traços mais marcantes das sociedades capitalistas avançadas estaria no fato de serem “tanto libertárias como autoritárias, tanto hedonistas como repressoras, tanto múltiplas como monolíticas”. A lógica do mercado e do consumismo necessita “de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros” (EAGLETON, 1998, p.127-128). Não pode prescindir da coexistência de duas formas distintas de subjetivação. De um lado, o sujeito centrado e autônomo significa uma necessidade ideológica em termos éticos, jurídicos e políticos na cultura tradicional, representando o “ideal oficial do sistema”. Por outro, o império da mídia e dos *shoppings centers* criam um modo de vida baseado na pluralidade, no desejo, na fragmentação. A vigência do capitalismo tardio supõe a proliferação de um sujeito pós-moderno, constituído como uma “rede difusa de laços libidinais passageiros”, dotado de uma subjetividade fugidia e polissêmica o suficiente para atender aos chamamentos do hedonismo e do consumo (EAGLETON, 1993, p. 272).

O reconhecimento da mediação necessária do mercado é o ponto de convergência mais evidente entre o pós-modernismo e outras modalidades do pensamento conservador contemporâneo. Suas relações não são fortuitas. O pós-modernismo mantém uma relação ontológica com o mercado, constituindo uma forma de consciência social que lhe é perfeitamente funcional. Corresponde à lógica cultural do sistema capitalista contemporâneo cuja objetivação assumiu as feições de uma rede mundialmente descentrada e fragmentada que dificulta a sua adequada representação mental. A aceitação celebratória da lógica do mercado e dos seus efeitos socioculturais indica que o pós-modernismo e o neoliberalismo são componentes importantes do mesmo *Zeitgeist*

[espírito do tempo] correspondente à chamada globalização. O pós-modernismo opera como uma interface cultural que possui uma afinidade estrutural com a hegemonia neoliberal na economia e na política do capitalismo mundializado (EVANGELISTA, 2001b; HARVEY, 1993).

CONCLUSÃO

A análise das transformações sistêmicas ocorridas nas sociedades contemporâneas exige uma abordagem analítica que vá além das aparências imediatas. A magnitude das mudanças societárias, expressas nos múltiplos fenômenos emergentes já referidos, não caracterizam, contudo, uma ruptura histórica radical com a modernidade capitalista e a instauração de uma nova lógica de estruturação e reprodução social. Essas mudanças sociais, que se desdobram nos interstícios da cotidianidade contemporânea, são o resultado da generalização e do aprofundamento da lógica de produção de mercadorias e de acumulação de capital que adquiriu uma inédita dimensão mundializada. A reestruturação produtiva e o padrão flexível de acumulação capitalista encontraram sua mimese superestrutural no pós-modernismo e no neoliberalismo. Essas redefinições estruturais são os elementos constitutivos de um novo bloco histórico mundial (GRAMSCI, 2000), com implicações na economia, na política e na cultura das sociedades contemporâneas.

No capitalismo contemporâneo, a cultura é submetida plenamente ao movimento do capital e à reprodução capitalista, constituindo-se em lugar estratégico de expansão da produção de mercadorias e de acumulação capitalista, com a hipostasia das repercussões do fenômeno da reificação, que também ocupa a esfera da cultura e generaliza os seus efeitos sobre os signos e as imagens que se objetivam na nossa vida cotidiana. O pós-modernismo, assim, não pode ser adequadamente analisado se abordado como simples epifenômeno passageiro ou como mero modismo intelectual com farta difusão midiática. O pós-modernismo, nunca é demais reafirmar,

exprime a lógica cultural adquirida pelo capitalismo contemporâneo (JAMESON, 1996).

O pós-modernismo é a expressão cultural de uma nova sensibilidade que produziu uma nova agenda intelectual, que não pode ser ignorada. O moderno pensamento crítico-radical tematizou e denunciou muitas formas de dominação e de exploração trazidas com o desenvolvimento da sociedade capitalista. Todavia, o pós-modernismo, apesar de todos os impasses políticos e ideológicos derivados de sua transgressão de caráter conformista, pode ser um excelente ponto de partida para se pensar os limites e as insuficiências do pensamento tradicional da esquerda socialista e revolucionária. Os problemas relacionados às diferenças e/ou aos modos de opressão de gênero, sexo e raça, além das questões ambientais, não podem mais ser ignorados. Essas novas problemáticas podem e devem ser incorporadas à crítica da exploração e da dominação capitalista, propiciando uma oportunidade histórica para catalizar e impulsionar as novas formas de contestação e protesto social numa perspectiva emancipatória e igualitária (EAGLETON, 1998; WOOD; FOSTER, 1999; WOOD, 2003).

A fragmentação, a efemeridade e a indeterminação, propostas e/ou aceitas como premissas teóricas pelo pensamento pós-moderno, são a manifestação fenomênica da aparência necessária do ser social do capitalismo mundializado contemporâneo. Com a mundialização do capitalismo, a forma mercadoria e a lógica capitalista ganharam uma universalidade nunca vista. Esse desenvolvimento recente do capitalismo contemporâneo acarreta a radicalização dos efeitos da reificação sobre as relações sociais entre os seres humanos, nas suas instituições sociais e nas suas experiências cotidianas, com óbvias implicações e conseqüências em suas formas de representação social. Assim, a compreensão da natureza dos fenômenos socioculturais contemporâneos não pode prescindir do aporte marxista que reitera uma angulação teórica assentada na ontologia materialista do ser social e na perspectiva da totalidade (LUKÁCS, 1974; KOSIK, 1976; EVANGELISTA, 2002).

A postura celebratória e/ou apologética do advento da pós-modernidade apenas torna-se possível se forem ignorados os fenômenos sociais, com suas respectivas categorias intelectivas, derivados e distintivos do sistema capitalista de produção de mercadorias, tais como a valorização do capital, a exploração capitalista do trabalho, a reprodução capitalista ampliada, o fetichismo da mercadoria e reificação. Essa é a condição para não compreender e decifrar a cultura e a sociabilidade contemporânea, em que efetivamente ocorre a inversão nas relações e nas conexões entre o signo e o referente e entre o significante e o significado, produzindo a autonomização dos signos e, posteriormente, dos significantes. Só assim a realidade pode ser subsumida à imagem, que aparentemente assume o estatuto de elemento fundante de todo o real. Tal prestidigitização intelectual explica a representação teórica da vida social, da cultura e da política como um mundo governado por simulacros que instauram a pura especularidade e espectralidade (BAUDRILLARD, 1996; HARVEY, 1992).

O confronto teórico com o pensamento pós-moderno propiciou ao marxismo pensar a realidade contemporânea a partir de uma perspectiva intelectual que combina a análise crítica da cultura e a crítica da economia política. Para refletir sobre a desafiadora centralidade da cultura nas sociedades capitalistas desenvolvidas e no sistema capitalista globalizado, foi imprescindível a recuperação inovadora das idéias formuladas por Marx que rompesse com o reducionismo e com o economicismo. As novas problemáticas que emergiram socialmente fizeram despertar o interesse por autores marxistas, como Lukács e Gramsci, que sempre fizeram da cultura uma temática fundamental no conjunto das suas principais preocupações teóricas e políticas. Esses rearranjos societários estão também na origem da revitalização do prestígio dos mais destacados intelectuais da chamada Escola de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer e Marcuse, que tiveram nas idéias marxianas uma das suas motivações semi-

nais para a renovação teórica do pensamento crítico ocidental.

Numa angulação teórica similar, as reflexões de autores marxistas contemporâneas, tais como, dentre outros, Jameson, Harvey, Eagleton e Wood, devolveram ao marxismo a condição de fonte inspiradora, entre vertentes políticas e ideológicas diversas, para as forças sociais e políticas empenhadas na luta contra a exploração capitalista e pela emancipação humana. Apesar de ainda vivermos sob os efeitos da última longa hegemonia conservadora, o marxismo apresenta-se como um incontornável e necessário ponto de partida para a realização de uma crítica teórica da cultura pós-moderna e da emergência da “pós-modernidade” nas sociedades contemporâneas, recuperando sua potencialidade heurística de explicar criticamente e propor caminhos de superação das atuais formas de manifestação e estruturação do sistema capitalista mundial.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CALLINICOS, Alex. *Contra o post-modernismo: uma crítica marxista*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1995.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Ensaio Latino-americanos).

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. In: _____. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

_____. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

EVANGELISTA, João E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

EVANGELISTA, João E. *Política e cultura pós-moderna: um estudo dos cadernos culturais do Jornal Folha de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2000.

_____. Elementos para uma Crítica da Cultura Pós-moderna. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, ano 15, n. 34, 2001.

_____. Neoliberalismo e pós-modernismo: algumas relações nem sempre óbvias. In: GICO, Vania de Vasconcelos; LINDOSO, José Antonio Spinelli; COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente (Org.). *As ciências sociais: desafios do milênio*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 718-733.

FEATHERSTONE, Mike. Para uma sociologia da cultura pós-moderna. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 9, n. 25, p.12, jun. 1994.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. Reestruturação capitalista e socialismo. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, ano 8, n. 21, p. 9, 1993.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JAMESON, Fredric. Periodizando os Anos 60. In: HOLANDA, Heloísa B. de (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Porto: Publicação Escorpião, 1974.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-moderno*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PAULO NETTO, José. A ofensiva neoliberal e seu significado. In: _____. *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1993.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (Org.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.